

2018

COMBINANDO
PALAVRAS

Cristovão Tezza

MUNDI
REAL SER ESTAR
LADO

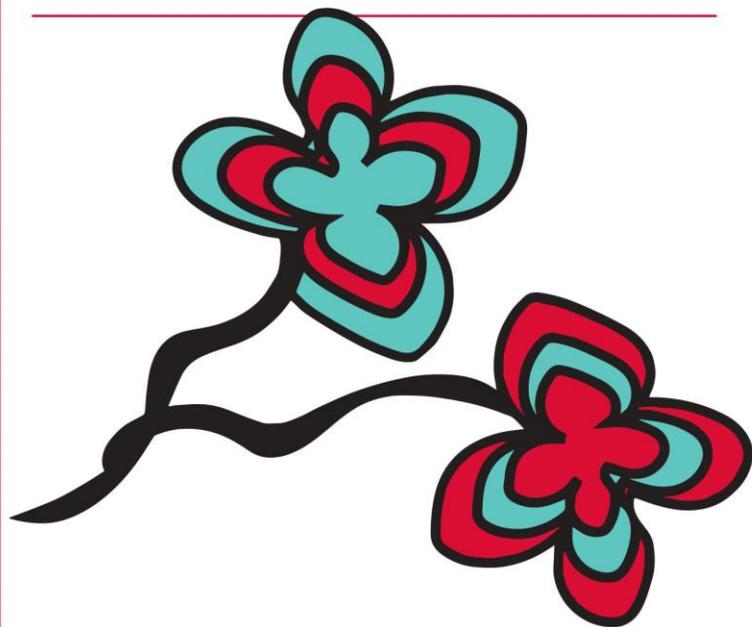
DENTRO A
VERDAD SE
DE

VERDAD

REAL MIEU SONH

EQUIPE

Fundação do Livro e Leitura
de Ribeirão Preto



Dulce Neves
Presidente

Adriana Silva
Vice-presidente e Coordenadora do Projeto

Edgard Castro
Vice-presidente

Viviane Mendonça
Superintendente

Gislaine Oliveira
Gerente

Vanessa Cicilini, Bettina Pedroso E Ana Carolina Freitas
Núcleo de Programação e Acompanhamento do Projeto

Helôisa Alves
Professora da Escola Estadual Otoniel Mota
Curadora do projeto

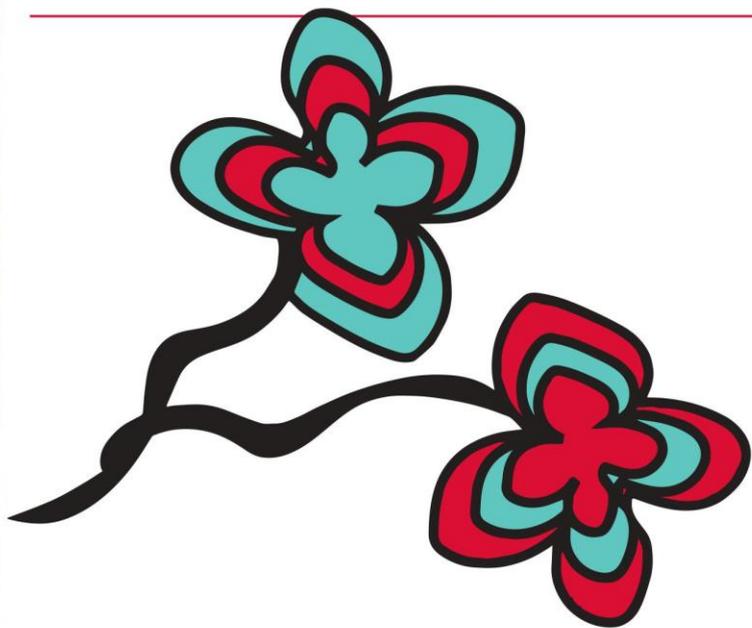
Simone Maria Locca
Dirigente Regional de Ensino de Ribeirão Preto

Isabel Abukawa, Isabel Cassanta, Maria Lúcia Bragantim
e Priscylla Quadros
Colaboradores da Diretoria Regional de Ensino de Ribeirão Preto

APRESENTAÇÃO

DULCE NEVES

Presidente da Fundação do Livro e Leitura
de Ribeirão Preto



A Fundação do Livro e Leitura reproduziu neste ebook, os textos e desenhos realizados pelos estudantes participantes do projeto, exatamente como recebeu dos professores.

Com a parceria da Diretoria de Ensino da Região de Ribeirão Preto, apoio do Sesc e realização da Fundação do Livro e Leitura, o projeto Combinando Palavras foi lançado no dia 9 de novembro de 2016, com as participações dos escritores Luis Fernando Veríssimo, Nélida Pinõn, Lya Luft, Zuenir Ventura e Ignácio de Loyola Brandão. Naquele ano, 5.500 estudantes da rede estadual combinaram palavras.

Em sua segunda edição, em 2018, outros cinco nomes: Alice Ruiz, Cristóvan Tezza, Fernando Bonassi, Elisa Lucinda e Eliane Brun. Mais 5.500 estudantes de Ribeirão Preto e da região participaram.

O projeto foi recebido com entusiasmo pelos professores que confirmaram, ao longo do processo, a importância da iniciativa.

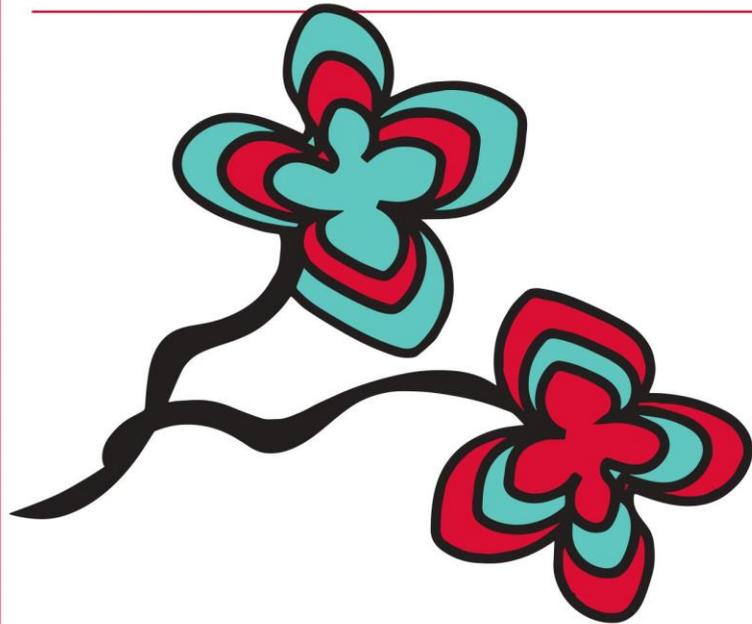
Esta é uma prática de formação que, conforme anunciado pelos escritores participantes, transforma estudantes em leitores.

A cada ano nos aprimoramos, sob a coordenação da vice-presidente da Fundação Adriana Silva e nossos objetivos são claros, interferir positivamente no cotidiano cultural dos estudantes e oferecer meios e acesso para o livro e a leitura.

APRESENTAÇÃO

SIMONE MARIA LOCCA

Dirigente da Diretoria de Ensino da Região
de Ribeirão Preto



“ Nossos alunos nasceram na era dos computadores.”

Eu não poderia iniciar este texto sem mencionar o grande educador brasileiro, Paulo Freire, pois contextualiza o momento que estamos vivendo, encontrei um paralelo entre essa afirmação e a relação com o “Combinando Palavras”, pois integrar-se a este ebook as produções dos alunos da Rede Estadual de Ensino de Ribeirão Preto é algo imensurável, que se materializa pedagogicamente na ação escolar, um orgulho por incluir-se neste processo, por acompanhar a evolução dos alunos, grandes protagonistas deste projeto! É algo inovador que possibilitou aos professores formação na Diretoria, aos alunos o contato com grandes obras de grandes escritores da nossa literatura brasileira, além de promover o encontro com os escritores no Teatro Pedro II...

Enfim é engrandecedor, é sublime, é o desejo de estar no caminho certo...

APRESENTAÇÃO

SESC RIBEIRÃO PRETO



LEITORES E ESCRITORES

Uma obra literária só se realiza como tal, quando percorrendo um fio imaginário, sai de uma ponta, que é a criação do escritor e encontra na outra o leitor.

O que se pretende com o Combinando Palavras é propiciar o encontro do autor e seu público leitor. E, assim, ao autor, dar a conhecer o seu leitor, quais as inquietações que sua obra provoca. E, ao leitor, conhecer as motivações e o universo do autor, pontos de partida para a criação artística.

Assim, traça-se um círculo em que pouco se reconhece o que é fim e o que é começo, num renovar de estímulos tanto para a leitura como para a produção literária.

Aqui, no caso deste livro eletrônico, o círculo faz uma reviravolta, e neste desvirado, o leitor experimenta a criação e a reescrita. Qual a nossa participação neste círculo? É muito pequena, é apenas a de viabilizar o encontro. Tudo o mais é com vocês, leitores e escritores.

MUNDO ESTAR



Ao longo do processo de organização do projeto Combinando Palavras, os professores da Rede Pública Estadual participam de três oficinas sobre a literatura dos autores selecionados.

MUNDO ESTAR
HOJE REAL



2018

COMBINANDO
PALAVRAS

Cristovão Tezza

CRISTÓVÃO TEZZA

- **ESCOLA ESTADUAL ANTONIO BARREIROS**

Obra escolhida para o trabalho em sala de aula: A primeira Noite de Liberdade

PRIMEIRA PRODUÇÃO

Aos 65 anos Cristóvão Tezza nasceu no dia 21 de agosto de 1952 em Lages (SC), e aos 8 anos se mudou para Curitiba em 1961. Considerado um dos maiores e mais importantes autores da literatura brasileira contemporânea, já lançou 18 livros, como em destaque “O Filho Eterno” baseado em história real, vivenciada pelo autor, a obra já ganhou 7 prêmios, com adaptação teatral e cinematográfica.

Entre outras obras temos livros de contos e crônicas onde se inspira em sua vivência cotidiana. Para análise lemos o conto “A Primeira Noite de Liberdade, que já no título percebemos bem o que é vivido pelo personagem do menino. Uma criança jovem que teve uma noite de liberdade, fugindo da casa dos vizinhos, brincando de noite na rua, mas sempre se preocupando com a ausência de seu pai, para que ele pudesse contar sobre os ladrões de galinhas. Mas essa noite de liberdade teve um grande preço, seu próprio pai.

Também é mostrado a visão de adultos e crianças em relação a morte, onde os primeiros sofrem muito pela perda, já as crianças não entendem o conceito de morte, já que para elas a vida, principalmente dos pais, é eterna.

Uma das observações a ser feita é a referência a tempos antigos, em que os funerais eram feitos em casa e escondido das crianças para evitar o desespero das mesmas.

A dificuldade da criança em lidar com a morte, em uma noite escura, com todos de roupas pretas era uma situação complicada diante de crianças de pouca ou nenhuma maturidade para encarar a separação do próprio pai.

Além disso, podemos chegar a conclusão, de que o conto retoma lembranças do passado do autor vivenciadas em sua infância.

Enfim, a obra de grande valor e faz com que analisemos os comportamentos dos homens e suas consequências, que podem ser desastrosas e deixar sequelas na vida de inocente.

SEGUNDA PRODUÇÃO

Cristóvão Tezza nasceu em Lages, Santa Catarina, mas acompanhando a família, mudou-se com 8 anos de idade para Curitiba, no Paraná, onde vive até hoje.

“A Primeira Noite de Liberdade”, um conto que teve sua primeira publicação em 1994, ganhando destaque como obra infantojuvenil.

O conto relata sua experiência em um velório na infância. As pessoas que ali se encontravam arrumavam maneiras de evitar que o menino tomasse ciência daquela situação dramática. Ele dá enorme destaque nas pessoas (características), ambiente detalhista e as suas sensações, sentimentos que envolviam no momento da trama.

A obra se mostra em sua maior parte com enorme sensacionalismo, quanto a sua visão, sua sensibilidade na narrativa, se mostrando com tal característica, que se encaixou de boa forma no contexto.

A narrativa está em primeira pessoa (narrador personagem), o que dá ênfase no texto deixando claro a visão da criança, que ao não conseguir interpretar devidamente aquela situação nova, tira suas próprias conclusões, enfatizando e associando a elementos de fantasia e medo do mundo real “Morte”.

No desfecho do texto, na procura pelo seu pai, o menino descobre que toda aquela comoção era por conta da morte do mesmo.

Essa história realmente é verídica, pois o pai de Tezza faleceu quando ele ainda tinha 7 anos de idade.

O autor conclui a história de forma chocante para o menino, que se vê desvendando todo o mistério, obrigando-o a se deparar com a difícil realidade, e com os traumas que a circunstância deixará e marcará sua vida para sempre.

TERCEIRA PRODUÇÃO

Cristóvão Tezza é um autor muito reconhecido, com obras já publicadas em outras línguas. Em uma de suas principais obras, num belo romance ele cria a história de um filho que possui síndrome de down – O Filho Eterno – está baseada em sua própria experiência de vida.

Já no conto “A Primeira Noite de Liberdade”, publicado em 1994, ele relata a história de uma criança que é separada de seu pai pela morte. No título já faz uma reflexão que revela que o personagem principal teve sua primeira noite de liberdade.

O conto mostra a diferença do mundo adulto (com responsabilidades, preocupações, cuidados pessoais...) com o mundo da criança (repleto de brincadeiras, fantasias e inocência).

O espaço indica muito a situação fúnebre que facilita e declara indícios do que acontece. Assim temos o sótão apresentado no início e o funeral feito na própria casa. A noite revela algo triste e assustador para o personagem principal (menino).

O conto tem uma forte característica que é o fácil vocabulário, permitindo o entendimento por qualquer pessoa.

A obra, por ser feita em primeira pessoa e o fato de o autor ter perdido o pai quando criança, revela experiências de sua própria vida.

A morte para um adulto é tão dolorosa quanto para uma criança, mas a grande diferença é que a segunda não tem noção e nem sabe como lidar com a morte.

A descrição das cenas é bem detalhada o que nos permite uma imaginação mais rica e em abundância dos mesmos, como o pijama de florzinhas e o quarto com fumaça.

O desenrolar do conto mostra um momento triste vivido por uma criança a espera de seu pai. E a todo instante há uma palavra que se refere a morte, há também, o “clima” e como as pessoas estavam se comportando, surgindo um ar de desconfiança no personagem.

O comportamento de um adulto é mais reflexivo, pois ele sabe e já viveu situações que lhe permitiram aprender, mas uma criança pouco viveu, e por isso não sabe como se comportar mediante uma situação, sobretudo, a morte.

• **ESCOLA ESTUADUAL CONDE FRANCISCO MATARAZZO**

Obra: O Filho Eterno

PRIMEIRA PRODUÇÃO

Achei interessante e muito intrigante
O espanto do pai diante de algo impressionante
Saber que seu filho, esperado e desejado,
Vem diferente
Com síndrome de down, na época mongoloide
O pai inquieto, logo se pergunta:
Como será, como ele viverá?
Que aflição!!! Tudo mudou, qual a direção?
Pensamentos ... Guardados para si
E para os outros:
Está tudo bem, sim senhor, tudo bem, obrigado...
Apenas aparências...
Ah!!! As aparências...
O tempo, só o tempo pode ajudar tudo mudar...
Descobre o lado bom de tudo
Há amor verdadeiro
Há um guerreiro, um pai devotado e apaixonado!
Do filho se aproxima
E a dura jornada é compensada pela doçura ...
Felipe é seu nome
Alô Flamengo, aquele abraço...
Alô leitor, O Filho Eterno
É meu filho amado !!!

Melissa Batista Ferreira

SEGUNDA PRODUÇÃO

É pau, é pedra, é o fim do caminho...
Não!!! Fim não!!!

Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

Entre um cigarro e outro de seu pai
Seu filho faz um pedido sagaz
Querendo ser o melhor para aquele homem
Mesmo tendo nascido com um cromossomo a mais

O pedido foi atendido

Um ato inteligente
Ainda bem
Pois o mundo, muitas vezes, deixa a gente medíocre!

O diferente precisa ser compreendido
Seu filho com síndrome de down
O pai pensando coisas terríveis
De quem só queria lhe dar alegrias

Mas um escritor sempre vai preferir ser uma metamorfose ambulante...

Prefiro ser esta metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

O pai descobre no filho a figura que sempre queria
O filho era sim a inspiração para sua vida!!!

Eu quero dizer agora o oposto do que eu disse antes
Eu prefiro ser esta metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo

E o filho ensinou ao pai
O que seu pai não sabia
Apesar das diferenças
Há cores, presença viva de muita alegria!

E o que antes se pensava em insucesso
Dá início a uma nova história cuja mensagem é amor
Um escritor desacreditado se realiza com sucesso
No seu filho amado!!!

É o filho apaixonado...
Flamengo, mengo, mengo...
Seu Filho Eterno é tradução do verdadeiro Amor...

Caroline Tamires de Freitas e Thawane Stefanie de Oliveira

- **ESCOLA ESTADUAL DEPUTADO JOSÉ COSTA**

Atividade: Relato de experiência depois da leitura do livro ‘O filho eterno’ e da visita a APAE

Ana Karolina e suas emoções

Ana Karolina sentia uma mistura de sensações novas ou que pelo menos só sentia em momentos de grande tensão ou de grande felicidade.

Não sabia o que encontraria. Será que saberia reagir a diferentes deficiências? E essa era a pergunta que fazia a si mesma no fundo da alma. Bondosa e carinhosa, deseja ser enfermeira, e sabe que carinho e amor são fundamentais para qualquer aproximação. Sentia um frio na barriga que não era comum àquela hora da manhã.

Talvez tivesse medo que essa aproximação não acontecesse, mas com toda expectativa se entregou ao encontro. Conheceu Emily com microcefalia, Vitor que era tetraplégico e também Arthur com Síndrome de Down. Cada sorriso que presenciava sentia uma sensação incrível, como se aquele momento estivesse levando-a as nuvens, sentia a dor, a dificuldade, a alegria de todas aquelas crianças e imaginava estar no lugar de casa uma delas.

Quantas vezes na vida presenciou pessoas reclamando de tudo e até mesmo ela já havia reclamado em muitas ocasiões, mas por outro lado, com a visita aprendeu a nunca perder a esperança mesmo com tanta dificuldade. Com as crianças aprendeu o significado de lutar e vencer com alegria, não só para ela, mas também para todos seus amigos.

O maior sentido disso tudo podia ser expresso pela experiência vivenciada, mas também por ver que com essa aproximação muitos sentiriam o que ela estava sentindo, até mesmo aqueles que têm o coração mais fechado. O brilho em seu olhar era tão grande que podia ser visto por todos a sua volta, quão grande e especial fora aquele momento, pensava ela. Sentia-se leve, desejava um mundo melhor, um novo mundo que pudesse demonstrar todo seu amor.

Ana Karolina Amorim da Silva

Ele deveria se chamar alegria

Sim, ela foi. Achei que ela fosse dar um bolo, mas foi: insegura, ansiosa, nervosa, não sabia o que sentia, mas foi com o pedido que seu melhor amigo ficasse com ela o tempo todo, “Eu não vou saber lidar”, pensava ela, “Não convivo com crianças”, “Mas são apenas crianças!”.

Dava para ver que se passavam um milhão de coisas pela sua mente, parecia que dependia do seu amigo para tudo porque ela não tinha certeza de nada. Chegaram, entraram, olharam. Dava pra ver cerca de 40 pares de olhos vasculhando, pesquisando cada canto do lugar.

Primeiro quarto: dois bebês. Ao ver a cena, vi também seus milhares de pensamentos, como se fossem códigos, apenas pessoas autorizadas os conheciam e sabiam decifrá-los.

“Eu abortaria se fosse comigo?”, “Qual o problema deles?”, “Será que vão gostar de mim?”, “Os pais pensaram em abortar?”, “Vou agir naturalmente”, “Não vou chorar”,

“Foram esquecidos?”, “São amados como deveriam ser?”, “Devo pegar no colo?”, todas as perguntas que passavam por seus pensamentos e só eu sabia decifrar.

Uma criança chorando a fez voltar ao ambiente. Ela viu, prestou atenção, era uma menina toda dolorida pela deformação de seu corpo. “Se fosse comigo eu abortaria? Ela sofre tanto, talvez fosse melhor assim”, “Meu Deus, que horror! Não posso pensar isso! Mas o escritor também pensou, não foi?”.

A verdade clara e explícita: ninguém sabe a dor do outro, o sofrimento do outro, o medo do outro, até estar na mesma situação. Ela tirou seus sapatos, em uma tentativa de se enturmar, viu todos rindo com uma criança, experimentou! Segurou o bebê e começou a brincar. Um garoto jogava a bola, ela segurava o bebê e o bebê chutava, o goleiro comemorava cada bola perdida. Quando eles comemoravam, ela comemorava também. Um sentimento?

Alegria, o menino deveria se chamar alegria, em grego ou romano para ser mais comum, enquanto ela dançava entre a realidade e os pensamentos, o menino ouviu. Ouvia a frase “Você deveria se chamar alegria!”. Ele a olhou e sorriu. Se encaixou nos seus pensamentos.

Um sentimento? Êxtase, se alguém tivesse matado aquela criança, ela nunca teria acreditado que a telepatia é real!

Já não se prestava atenção em outra coisa. Seu amigo teve quase as mesmas sensações, mas ela estava lá, extasiada, parada no tempo por um momento. Seu amigo desapareceu e ela nem percebera. Depois, o tempo passou mais rápido que as suas preocupações, conheceu de tudo, não desprezou nenhum momento. Todos foram únicos e especiais.

Bruna Larissa de Souza Alves

Propósitos

É importante que tudo o que se faça tenha um propósito, mas todos saíram aquele dia portão a fora sem nenhum, apenas com a “obrigação” de ir e ter que fazer o que foi pedido pela professora. Tudo, apenas para a produção de um trabalho escolar que seria apresentado a um escritor que biografou sua experiência de vida após ter um filho portador da Síndrome de Down.

A proposta era que devíamos visitar crianças da APAE que tivessem a Síndrome e também outros problemas que afetassem sua capacidade intelectual e física, que aparentemente, ao olhar dos seres humanos “normais”, eles seriam incapazes.

Ao recebermos a ideia, alguns ficaram assustados, outros esperançosos e felizes, e eu fiquei... sei lá... Antes de sairmos para conhecer aquelas crianças, iniciamos a leitura do livro “*O Filho Eterno*” de Cristóvão Tezza, que deu início a toda essa trama de conhecer um “mundo diferente” do normal, rotineiro. E, a partir dessa leitura, muitos de nós nos interessamos em conhecer crianças com Down e outras deficiências para que descobríssemos o que elas têm para nos ensinar.

No dia da visita, todos amanhecera como num dia normal, e na verdade, deveria ser mesmo, visitar pessoas com deficiências, nada mais que normal, devia ser. Saímos. Caminhamos. Todos sorrindo no caminho até a APAE para que lá houvesse a

grande e vasta emocionante experiência de conquistar e ser conquistado por sorrisos e carinhos trocados.

Chegamos. Entramos. Aguardamos ansiosos, apreensivos, borboletas no estômago. Ahhh, chegaram com toda aquela energia... Puxa um, puxa outro, “Vem brincar, tio”, que autoritarismo!!! Quem disse mesmo que tinham incapacidades?!?

Aos poucos, as monitoras nos traziam as crianças para que elas nos ensinassem que são iguais a todas as outras, que brincam, correm, pulam, sorriem, transmitem felicidade... Quem não gosta de felicidade? O mais impressionante é que nenhuma delas chegou triste, sempre chegavam sorrindo, felizes, querendo brincar, querendo nos mostrar o local onde elas passam o tempo, estudam, se desenvolvem. Muito gostoso.

Todos tinham a capacidade de transmitir felicidade, entretanto alguns tinham capacidades a mais, como de nos mostrar que carinho ao próximo não atrasa a vida de ninguém, que pedir ajudar não mata, que você ser diferente não te torna maior ou menor, melhor ou pior que alguém.

Enfim, quem diria que alguns de nós sairíamos mais mole do que entramos. Com a capacidade de sentir e transmitir. Acredito que todos sentiram como é dar sorrisos a alguém, dar felicidade, dar amor e carinho e receber tudo de volta. E se todos nós fizéssemos isso? E se qualquer um fosse capaz de chegar, agarrar uma pessoa e pedir um pouquinho de carinho? E se o mundo fosse capaz de ter pelo menos um pouco da ingenuidade dessas crianças? Será que seria possível viver naquele mesmo clima que vivenciamos nas salas da APAE?

Escrevi isso tudo dizendo que não havia um propósito... Mas, Eu tinha. O propósito de chegar e dar àquelas crianças amor, carinho, felicidade, paz, que de muitos na sociedade elas não recebem, pois são vítimas de preconceitos que atrasam a vida de quem o tem. Eu fui com o propósito de voltar de lá melhor do que eu cheguei, com mais um aprendizado para vida, pronto para transmitir isso a quem precisasse, a quem tem falta de amor no coração e falta de informação no cérebro. O propósito foi cumprido, pelo menos o meu e, acredito que, se cumpri o meu, os outros serão cumpridos também, porque eu vivo para sociedade também, não só para mim.

João Paulo Raimundo dos Reis

- **ESCOLA ESTUADUAL DJANIRA VELHO**

Obra escolhida para o trabalho: Livro de contos “Beatriz”

Conto – 1 do 9º B

Beatriz: Uma viagem a Ribeirão Preto

Lentamente, Beatriz abriu os seus olhos se deparando com a claridade do local. Confusa por ter acabado de acordar, balançou sua cabeça ainda tonta e olhou para os lados e logo percebe que estava dentro de um avião.

Em meio a um bocejo, lembrou-se que estava viajando rumo a Ribeirão Preto, pois fora convidada para participar da 18ª feira do livro. Durante a viagem havia pegado no sono.

"Senhores passageiros, apertem os cintos. Estamos prestes a fazer uma aterrissagem! "

Beatriz apertou seu cinto procurando relaxar na poltrona da aeronave. Havia muita coisa para ela fazer naquele dia, por isso, tentava organizar um pouco as suas ideias.

Após alguns minutos, voltou a ouvir a voz suave da aeromoça, que pedia para os passageiros soltarem seus cintos, pois já haviam chegado em seu destino. A aeromoça também agradeceu pela preferência de viagem e desejou um ótimo dia a todos. Desceu do avião e pacientemente esperou por suas malas na retirada de bagagem. Eram apenas duas, levou só o necessário.

Ao chegar no saguão do aeroporto, já pôde notar que lado de fora o clima era bem quente da cidade. Com muito calor arregaçou as mangas de sua blusa branca social.

Caminhou com calma pelos corredores do aeroporto Leite Lopes indo em direção a saída.

-" Que clima abafado "-pensou. Observando as pessoas vestidas com roupas confortáveis e fresquinhas, e se sentiu incomodada com sua vestimenta social que impedia sua pele de "respirar. "

Deu sinal para um táxi qualquer que passava pela rua e pediu para que o taxista a levasse ao endereço anotado em seu celular, que seria onde ela iria se hospedar. Do banco de trás do veículo ela observava a paisagem através da janela do vidro que mudava a medida em que o carro se locomovia, atenta a cada detalhe da cidade, pois ela gostaria de recordar-se dessa viagem quando estivesse novamente em Curitiba.

Passados alguns minutos, entraram em uma avenida, seu olhar caiu sobre um monumento, uma estátua de um homem com uma peneira em mãos. Curiosa, perguntou-se o que aquilo significaria.

Ao ler uma placa, soube que se tratava da Av. do café. O que passou a fazer sentido a presença da estátua, já que, Ribeirão Preto é conhecido como " terra do café. "

Após fazer o retorno, o táxi parou em frente a um edifício, Beatriz pagou o homem que lhe retribuiu com um sorriso largo, e logo se despediu saindo do carro ...

No dia seguinte.

Beatriz, havia acordado cedo, ansiosa, bebeu em sua xícara de porcelana o café quente que havia preparado. Estava a confirmar por celular sua presença na 18ª Feira do livro. Um dos organizadores do evento iria emprestar seu carro a ela. Em meia hora ele chegaria para entregar o carro e a chave.

Chegado o horário, ela deu uma rápida olhada no espelho que havia na sala, checando se seu cabelo estaria desarrumado ou se seu rosto estava "amassado". Alinhou sua camisa social como a do dia anterior, e saiu pela porta da frente em passos apressados.

Logo se perdeu na correria do corredor, esqueceu onde ficava o elevador. Distraída sentiu algo ou alguém chocar-se contra seu corpo.

- Ai! - ouviu uma voz feminina falar em tom alto.

Olhou para o lado, e encontrou uma moça que aparentava ter seus vinte anos, tinha olhos verdes assim como os seus, cabelos longos e negros, vestida de roupas pretas.

- Desculpe-me - Beatriz se desculpou envergonhada - Estou perdida...

- Nova por aqui? - perguntou a moça.

- Apenas de passagem - sorriu mínimo - você poderia me ajudar? Preciso descer para pegar a chave do....

- Tudo bem - a interrompeu antes que ela continuasse - Venha comigo!

A moça guiou Beatriz até o elevador e juntas entraram dentro do mesmo.

- Me chamo Stella Menezes - puxou assunto, a morena.

- Sou Beatriz... - sorriu sem mostrar os dentes.

Algum tempo depois...

Suspirou cansada, já era a décima vez que errava a rua. Algumas vezes até entrava na contramão, e por pouco não causou um acidente. O GPS do carro? Um lixo, não havia ajudado Beatriz em nada.

Parou em frente a um lugar que aparentava ter sido construído há décadas. Era uma grande casa com um "jardim" em sua volta, cercada por um muro meio esverdeado, por haver plantas, com algumas tábuas de madeira que formavam uma espécie de cerca.

Olhou para o outro lado da rua, onde avistou uma silhueta feminina, que lhe parecia familiar, se aproximando. Logo percebeu que aquela silhueta era de Stella.

- Hey, Stella - gritou para que ela pudesse ouvi-la.

Logo, Stella já estava ao lado do carro perguntando-se sobre o que estaria acontecendo.

- Estou perdida, preciso ir até a Feira do livro!

- Ah, entendi - riu, humorada - Você teve muita sorte, eu curso enfermagem e já estava voltando para casa. Posso ajudá-la novamente?

Beatriz, mais uma vez, direcionou seu olhar para a "casa antiga".

- Por curiosidade - falou para Stella que já se encontrava dentro do carro ao seu lado - Que lugar é este? - apontou para o local.

- É o Museu do Café - disse para Beatriz com um pequeno sorriso em seus lábios finos.

- Um museu! - exclamou entusiasmada - Gosto desses tipos de lugares, quem sabe algum dia eu o visite – falou toda esperançosa.

- Acho que não será possível - Stella murmurou baixo, mas o suficiente para que a outra pudesse ouvi-la - Atualmente ele se encontra fechado.

- Ora, mas por quê? - arqueou uma das sobrancelhas, confusa.

- O museu sofre de uma infestação de cupins constante, nas portas, janelas, telhados, forro e piso. As madeiras estão precisando de um tratamento especial. Além de necessitar de uma limpeza nos telhados, troca de telhas, troca de parte do forro e adequações elétricas. - suspirou - Depende de recursos para novas obras e infelizmente não tem previsão para ser reaberto.

- É uma pena... - Girou a chave do carro assim o ligando - Uma pena que, nem sempre o poder público saiba investir o dinheiro da cidade de maneira correta e deixe lugares tão importantes como este de lado.

Stella apenas assentiu com a cabeça concordando, e assim, mostrou-lhe o caminho para a Praça XV onde seria o evento.

Ao chegarem, logo desceram do carro, cada uma seguindo um caminho diferente. Stella aproveitou a ocasião para dar uma olhada nos livros e talvez até comprar uns...

" Nem sempre, tudo é tão perfeito quanto parece... " conclui Beatriz, ao observar tudo o que naquele momento, havia ao seu redor.

Rafaela Cristina Afonso
Thayná Valentim Vieira

Conto – 2 do 9º B

Denúncia Cultural

No começo da noite, assim que chegou em casa, Beatriz recebeu um telefonema da comissão organizadora da Feira do livro de Ribeirão Preto que teria assistido à uma de suas palestras e se interessou em recebê-la no evento nos dias 21 a dia 25 de maio desse ano para palestrar e conhecer a 18ª edição da feirado livro. Após conhecer os nomes dos autores que iriam estar no evento, Beatriz ficou muito feliz em ministrar suas falas em outro lugar sem ser em Curitiba, sua cidade natal, e aceitou o convite com prazer, pois era uma amante da literatura.

Uma semana antes do evento começar, a prefeitura de Ribeirão junto com o autor Cristóvão Tezza, fizeram um concurso de leitor mais assíduo. E este que ganhasse iria acompanhar e mostrar a cidade para Beatriz durante o tempo que ela ficasse na cidade. O concurso era sobre o autor Cristóvão Tezza, o mesmo, participaria da feira do livro no dia 22 de maio. Após algumas perguntas sobre as obras e a vida do autor, a cidade elegeu uma vencedora, uma grande fã do autor. A ganhadora chamava Catarina, tinha 30 anos, era ruiva e morava em Ribeirão desde pequena, então conhecia muito bem a cidade.

Semanas se passaram e, chegou o dia em que Beatriz iria para Ribeirão Preto prestigiar o evento.

Já no saguão do aeroporto Leite Lopes, ela encontrou Catarina que segurava uma plaquinha com seu nome.

No carro Catarina se apresentou a Beatriz, e ela fez o mesmo, depois de papear muito, a vencedora do concurso perguntou a palestrante se ela queria conhecer alguns pontos turísticos da cidade, ela aceitou e assim foram.

Primeiramente a guia levou Beatriz para conhecer o mercadão da cidade e aproveitaram e almoçaram por lá, a curitibana achou o mercadão um ótimo lugar e adorou a comida.

Depois de comer, Catarina a convidou para conhecer o Museu do Café que era um dos lugares favoritos dela na cidade. Beatriz muito educada aceitou. A guia contou para a moça que o museu do Café está dentro do campus da universidade USP (Universidade de São Paulo) e que lá abriga objetos que relatam o cotidiano vivido por imigrantes, escravos e barões, retratando a história do plantio até a colheita do café. Beatriz amou! Logo após o passeio; como ainda estavam adiantadas para o compromisso, a moça pediu para conhecer o teatro Pedro II e a guia a levou. Chegando lá a mediadora conta toda a história do prédio do teatro e Beatriz fica encantada. Como a palestrante tinha pesquisado sobre Ribeirão antes de vir para a cidade, perguntou sobre o tal teatro de arena que viu nos pontos turísticos da cidade. Catarina contou que ele estava abandonado, mas a levaria para conhecê-lo.

Chegando lá a guia contou que entre 2012 e 2013 houve uma reforma no teatro de R\$ 1,3 milhões, portanto foi vítima de inúmeros furtos de fiação elétrica e acabou sendo interditado em agosto de 2016. Além dos roubos das fiações elétricas, o teatro também sofreu roubo de um elevador destinado as pessoas com necessidades especiais, roubo de torneiras, maçanetas, mobiliário e até o painel da energia elétrica e que a secretaria da cultura não sabe quando o teatro voltará a funcionar.

Beatriz depois de ouvir tudo se emocionou, e Catarina lembrou que a infância dela foi resumida em ir a esse teatro.

Após o passeio, a guia levou Beatriz até o hotel e encerrou o dia tirando uma foto com ela dizendo que iria prestigiar a sua palestra.

Já no hotel, sozinha, a palestrante ficou chateada com a situação do teatro de arena e resolveu denunciar por meio da sua palestra. Beatriz se arrumou, pegou um caderno e foi anotando suas ideias para delatar sobre o teatro de arena. Terminado a palestra, o motorista foi buscá-la para levar ao teatro Pedro II. Lá ela conheceu o autor Cristóvão Tezza, e os dois papearam muito e encontraram muitos pontos em comum, depois a moça foi se preparar para palestrar.

Beatriz subiu ao palco, agradeceu a oportunidade se apresentou, apresentou seu trabalho e disse:

– Bom, hoje não irei fazer uma palestra normal como muitas que faço, hoje eu vim aqui representando todos dessa cidade e principalmente representando sua cultura que pouco a pouco está se desgastando e irá desaparecer. Hoje conheci vários pontos turísticos de Ribeirão, como o mercadão, o museu do café, esse teatro maravilhoso que é o Pedro II, mas o que mais me tocou foi o teatro de arena. Eu havia pesquisado antes de vir para cá sobre pontos turísticos da cidade, conheci o teatro de arena por fotos, e por sua descrição, mas chegando aqui, foi uma grande decepção.

De repente surgiu uma voz alta e grossa do meio da plateia: – Sim, o teatro está abandonado, dá pena de ver um patrimônio nestas condições!

As pessoas concordaram e pediram para a palestrante continuar. E assim fez Beatriz. – Bom, acho isso uma falta de respeito, tanto com a população, quanto com a cultura e os patrimônios da cidade. Cá estou aqui representando muitas pessoas que não conseguem serem ouvidas e que agora, através de mim conseguem soltar sua voz.

Peço aos moradores de Ribeirão Preto, para prefeitura, junto com a secretaria estadual da cultural, renovar esse patrimônio tão importante e que marcou tantas pessoas. O povo está pedindo, os visitantes que querem conhecer os patrimônios desta cidade também estão pedindo, alguém tem que tomar uma providência!!!!

A palestrante terminou sua palestra com os olhos cheios de lágrimas e agradeceu ao acolhimento que a cidade havia lhe dado, mas pediu para que salvassem ao teatro de arena, ela se levantou, e recebeu muitas palmas. E saiu.

Após todas as palestras e conversas do dia da feira, Beatriz encontrou novamente o autor Cristóvão Tezza, eles conversaram e o autor revelou que havia conhecido o teatro de arena e que também ficou bastante chateado pelo estado em que ele se encontrava. Conversaram, e se despediram com um aperto de mão.

Quando a feira do livro acabou, a palestrante voltou para sua casa em Curitiba, de onde cobrava todo dia uma satisfação da prefeitura de Ribeirão.

Junto com a população ela criou uma campanha pelas redes sociais: “Salvem o Teatro de Arena de Ribeirão Preto, a população implora pela volta da cultura!”

Thais Cristina dos Santos

Conto – 3 do 9º B

A fã

Beatriz chegou em casa após um dia cansativo, jogou sua bolsa no sofá e se dirigiu ao banheiro, depois de tomar um banho relaxante foi para o seu quarto descansar, assim que se deitou o telefone começou a tocar, a professora mesmo muito cansada o atendeu. Do outro lado da linha um homem se apresentou e disse que era da comissão da Feira do livro de Ribeirão Preto e a fez um convite para participar da feira e dar autógrafos durante 5 dias e a avisou que mandaria uma passagem de avião para ela junto com um representante que a estaria esperando com uma plaquinha com seu nome. Beatriz ficou animada com o convite e aceitou, mas dispensou educadamente a ajuda de um representante dizendo que não era necessário.

Quando Beatriz acordou percebeu que não escutou o alarme tocar e já estava quase em cima da hora, ela se arrumou correndo e felizmente conseguiu pegar o voo.

Ao descer do avião avistou uma mulher de estatura baixa e com olhos que combinavam perfeitamente com o longo cabelo castanho claro correndo em sua direção,

Beatriz olhou a desconhecida com certa curiosidade, ficou desconfortável quando a mulher a abraçou.

- Desculpe chegar assim, não foi educado da minha parte. Eu me chamo Eloisa Buarque, e sou uma grande fã do seu trabalho – disse a menina transbordando alegria e exibindo um sorriso de orelha a orelha.

- Não tem problema. Você é daqui? - perguntou Beatriz para Eloisa

- Sim. Você quer que eu te ajude a se localizar? Para onde você está indo? - perguntou a garota – Desculpe, estou fazendo muitas perguntas, eu juro que não sou assim, é que quando eu vi você chegando parecia que estava um pouco perdida – continuou ela

-Não, tudo bem, na verdade eu não tenho nenhum lugar em mente, você sabe onde eu poderia ir?

Eloisa começou a pensar – Bem, têm a praça XV, mas você já vai conhecer quando for para a feira, a Maria Fumaça não tem nada muito interessante é só um trem velho parado ao lado de um hospital, o teatro de arena e o municipal também não – ela já estava desistindo quando se lembrou do Museu do Café.

As duas foram até lá, durante o caminho elas estavam conversando com um carro quase bateu no de Eloisa, a menina assustada gritou:

-Las galletas que me muerden!!!!

- Hoje em dia está realmente muito difícil... –Beatriz não conseguiu terminar de falar, pois não estava conseguindo parar de rir, ela tentou parar aquele ataque de riso e perguntou – Você fala espanhol?

-Sim! Até fiz intercâmbio de um ano na Espanha, e inclusive foi lá que eu descobri o meu sonho em ser jornalista – essa revelação deixou Beatriz surpresa.

Quando chegaram ao Museu viram uma placa escrito “fechado para reforma”. Eloisa se lembrou da reportagem que havia visto na TV sobre o fechamento do Museu e começou a pedir desculpas para Beatriz envergonhada com a sua péssima memória. Beatriz tentou a acalmar dizendo que não tinha problema algum, como ela ficou interessada no local, perguntou o que Eloisa achava de elas irem tomar um café e conversarem mais sobre ele. A garota muita animada com a ideia aceitou.

- O primeiro proprietário dessa área foi um cafeicultor mineiro que em 1890 o vendeu a fazenda para um alemão chamado Francisco Schmidt que a reformou. Na década de 30 ele cedeu uma boa parte para o município e em 1950 começou a construção do museu, que só foi inaugurado em 1955. Em 2014, depois de roubarem uma pepita de ouro, um morcego taxidermizado, um punhal que pertencia a um general da Revolução Constitucionalista e a lendária bengala de João Rodrigues Guião, eles decidiram que seria melhor colocar câmeras de segurança no Museu, mas parece que até com a ajuda das câmeras não foi possível impedir outro furto que aconteceu no ano retrasado e além de terem levado quatro carabinas, pistolas e espadas do século XIX o teto acabou caiu por causa de uma infestação de cupins – a jornalista contou, e quando terminou agradeceu silenciosamente o seu professor da faculdade por ter pedido para os alunos fazerem uma notícia sobre o museu com informações sobre o seu passado.

- Nossa então pelo visto a situação está bem complicada. Eloisa eu posso tirar mais uma dúvida com você?

- Mas é claro e qual seria?

- Como você ficou sabendo que eu viria para Ribeirão hoje? – Perguntou Beatriz com curiosidade.

- Bem. Antes de eu te contar quero dizer que por mais que possa parecer que eu sou àquele tipo de fã maluca que é capaz até de sequestrar o seu ídolo, eu não sou assim – a professora acenou com a cabeça para ela continuar com a explicação –Primeiro eu vi em um folheto que você viria para Ribeirão a convite da comissão da Feira do livro de Ribeirão Preto e como meu namorado trabalha lá eu liguei para ele para confirmar se isso era mesmo verdade, quando ele me confirmou não acreditei muito no começo, achei que era apenas um sonho, mas depois... Fiquei ligando e mandando mensagem para ele pedindo mais informações, e uma hora ele decidiu me contar.

No dia seguinte a feira já estava montada, vendedores, escritores e até repórteres já estavam lá. Beatriz estava nervosa e, Eloisa estava trabalhando nos bastidores da pequena entrevista da professora para o jornal da EPTV. No fim do dia tudo ocorreu bem para Beatriz, mas para Eloisa ele não terminou tão bem assim, já que no final da feira levaram sua bolsa enquanto ela esperava seu namorado. Alguns minutos depois Enzo - namorado de Eloisa – chegou para buscá-la e a encontrou sentada em um banco chorando

- Por que você está chorando? O que aconteceu? – o garoto perguntou preocupado com ela

- Roubaram a minha bolsa, e o livro que a Beatriz autografou estava nela – respondeu Eloisa aos prantos. Enzo tentou pensar em algo para animá-la, quando avistou Beatriz indo em direção a um táxi, correu em direção à tradutora e lhe perguntou se ela tinha algum livro ou papel autografado, por sorte ela ainda tinha um livro que acabou autografando na hora.

Enzo voltou e o entregou para a sua namorada, que ficou muito feliz. Após esse ocorrido ambos foram para a delegacia fazer um boletim de ocorrência, e depois de todo aquele transtorno foram ao shopping pegar um cineminha.

Elizabeth Zorzetto da Silva Cezário
Flavia de Oliveira Zanoni

Conto – 1 do 9º C

Hipocrisia Cultural

Após um dia de trabalho, tudo que Beatriz queria ao chegar em casa era descansar. Mas lembrou - se que estava esperando um e- mail de um aluno. Ao abrir seu e-mail, deparou - se com uma mensagem que não esperava.

De: org.feiradolivrorp@gmail.com

Para: profbeatriz04@gmail.com

Assunto: Convite para a 18º edição da Feira do Livro

"Cara Beatriz,

Nós, Organizadores da 18ª Feira do Livro de Ribeirão Preto, queremos convidá-la a participar de mais uma edição, que acontecerá nos dias de 20 a 25 de Maio, 2018. Com o intuito de que você possa escrever um artigo sobre a feira, dizendo sua opinião sobre outrora, que será publicado no jornal da cidade. Pois ficamos sabendo que você é uma professora, revisora, tradutora e editora de muito prestígio na sua cidade! Se comparecer, bancaremos sua estadia e sua passagem, que será de avião. Estará a sua disposição uma de nossas organizadoras, que a esperara no aeroporto. Aguardamos sua resposta o quanto antes.

Desde já, agradecemos! "

Beatriz ao ver a mensagem não pensou duas vezes. E logo respondeu que compareceria no evento.

Dias se passaram e chegou o dia do evento, Beatriz que já não se aguentava de curiosidade e ansiedade, pegou um Uber que a levou para o aeroporto (...).

Depois de fazer seu check-in, decidiu esperar o chamado de seu voo na cafeteria do local, começou a pesquisar em seu celular sobre a Feira e ficou muito encantada!! Tempo depois seu voo foi chamado e ela embarcou para Ribeirão Preto. Chegando no aeroporto Leite Lopes, uma das organizadoras do evento já a esperava. Beatriz avistou uma morena, de cabelos ondulados castanho escuro, com olhos castanhos claros corpo esbelto e altura mais ou menos 1,69cm que usava um crachá e uniforme, e já imaginava que seria uma das organizadoras.

A moça quando viu Beatriz caminhando em sua direção de pronto a reconheceu, já que a mesma quando soube que ficaria responsável por guia-la procurou pesquisar sobre a mulher.

As duas seguiram uma ao encontro da outra.

- Beatriz?

- Oi, sim, sou Eu!

- Que Bom! Eu sou a Maria Alice, sou a responsável por guia-la. Estou a sua disposição!! Prazer em conhecê-la.

- O prazer é todo meu!!

- Vamos deixar suas bagagens no hotel? Pois a feira começará daqui a 1 hora!! - disse Maria Alice

Beatriz concordou e assim foi feito.

Já no hotel elas deixaram as bagagens, Beatriz tomou um banho, se alimentou e foi para a feira.

Ambas foram as primeiras a chegar na feira e Beatriz ficou encantada e foi muito bem recebida.

Abre - se a feira, e logo vê vários alunos e pessoas interessadas em leitura, vê também vários projetos para crianças jovens e adolescentes!

Passando - se os cinco dias de feira Beatriz fica muito maravilhada com tamanha organização e diversidade de livros. Sendo a sua última noite na cidade, Beatriz chama Maria Alice para ir ao Teatro Municipal de Ribeirão Preto, pois havia visto em cartaz um teatro no qual a história ela gosta muito “O Pequeno Príncipe”. Maria Alice concorda. As 19:00h elas chegam ao Teatro, sentam para assistir à peça. No dia seguinte, Beatriz volta para sua casa e escreve o artigo. Uma semana depois sai o artigo de Beatriz no jornal da cidade.

“Participar de algo assim é sempre incrível, sem comparação! A organização da feira do livro foi eficaz e minuciosa, prezando e cativando ao público, tanto as pessoas que moram em Ribeirão Preto quanto as que vão de outras cidades visitar o evento. Um projeto que influencia a leitura é algo que deve ser preservado.

Vi diversas atividades para o público infanto-juvenil e gêneros diversos, shows ao vivo, peças de teatro muito interessantes, brinquedotecas, atividades ao ar livre, livros de todos os gêneros e exposições, palestras, conversas com autores, e há também profissionais treinados para qualquer eventualidade e uma boa segurança.

As participações de escritores das novas e antigas gerações integram uma diversidade satisfatória visando promover e relembrar, novas e antigas obras.

Não há o que criticar sobre a feira de Ribeirão Preto, até mesmo na minha estadia, tudo ocorreu bem, já que ouvi algumas notícias sobre a violência naquela cidade.

Em Ribeirão Preto me senti bem e acolhida pelas pessoas que foram responsáveis por eu ter participado e agora escrevendo esse artigo com minha livre opinião, sem censura.

E como me deram essa oportunidade de falar a verdade, digo que, me espantei com uma experiência, não em relação à feira, mas sim, a cidade de Ribeirão.

Uma cidade que promove um respeitoso projeto literário na Praça XV, infelizmente, se esqueceu de algo, também, importante que é o seu teatro Municipal.

Bom, não estava em meu cronograma fazer uma visita por lá, porém, acabei descobrindo a existência do teatro Municipal através de uma peça que eu soube que seria apresentada e estava doida para assistir, e gostaria de dizer que me decepcionei profundamente com o que vi!

Os assentos do teatro estão rasgados, percebi a falta do carpete – que mais tarde descobri ter sido retirado por exigência do corpo de bombeiros pelo perigo das fiações elétricas desencapadas, ar condicionado quebrado e ao longo da apresentação notei a precariedade dos equipamentos disponíveis para os artistas. Depois que a apresentação acabou, tomei a liberdade de falar com o elenco e assim que entrei na coxia pude ver que o problema era maior que imaginei. O som quase não "falava" mais, a iluminação que por pouco não os deixou na mão e o palco faltava pequenos pedaços da madeira, que poderia facilmente causar um acidente. Quando perguntei ao elenco da peça o que haviam achado disseram-me que iriam embora com o sentimento de meio termo, felizes pelo carinho e receptividade do público e tristes pelo estado de abandono que se encontrava o local.

É decepcionante saber que uma cidade como esta, que promove a cultura, infelizmente acabou se esquecendo dos patrimônios culturais, que merecem ser reconstruídos. É muito triste!

Pensem, se nos livros o impossível é imaginado, no teatro ele é real e totalmente possível, e para isso realmente acontecer só é preciso um pouco de cuidado e atenção por parte de nossos governantes e de nós cidadãos.

E apesar de tudo, sai desta cidade feliz pelas coisas boas e pelas ruins também, pois eu sei que deixei uma pulguinha atrás da orelha de vocês."

O povo ao ler o artigo de Beatriz, ficou chocado com a denúncia disfarçada da moça e acabaram tomando consciência do tamanho do problema que há muito tempo era tratado com desinteresse público. Com a denúncia a população começou a cobrar da prefeitura os devidos reparos.

Iasmim Ap. Barbosa Teodoro
Nayara Frondola de Souza

Conto – 2 do 9º C

A viagem de Beatriz.

Era uma quinta-feira dia 17/05/2018, fim de tarde, Beatriz chega em casa, abre a geladeira, pega um copo de suco, em seguida checa seu e-mail. Com uma voz surpresa pensa alto: - Olha só, há um e-mail diferente o que será? Com um sorriso no rosto abre o e-mail e vê que é um convite para um grande que dizia:

“Prezada Beatriz, nós da organização da 18ª feira do livro de Ribeirão Preto -SP, a convidamos para participar do nosso evento com o intuito da Srta. avaliar alguns contos de crianças e jovens das escolas estaduais da diretoria do município que participarão do projeto “Combinando palavras “. Não terá custo nenhum, caso aceite nosso convite. Ficará hospedada no JR Hotel, no centro da cidade. A feira acontecerá nos dias 21 a 25 de maio de 2018. Sua saída será marcada com um dia de antecedência (20/05/18) às 13:00h no aeroporto Afonso Pena em Curitiba, assim terá tempo de conhecer Ribeirão e descansar.”

Beatriz entrou em contato com os organizadores do evento e aceitou. Arrumou sua mala e decolou.

A viagem durou cerca de 1h e 30 minutos, chegou no aeroporto de Ribeirão e uma das colaboradoras do evento já esperava por ela. Maitê, tinha olhos claros, ruiva, alta, estava com um jeans rasgado, uniforme com o Logan da feira do livro estampado na camiseta caminhou até Beatriz e se apresentou.

Caminharam até o carro, se conheceram um pouco no caminho, Maitê a deixou no hotel combinado.

Beatriz descansa um pouco, e chama um táxi para conhecer a cidade. Então pede para o taxista a levar para conhecer alguma biblioteca. Ele a leva na biblioteca Leopoldo Lima e ela fica pasma, pois os livros estavam mal cuidados, não tinha bibliotecária, o ambiente estava sujo, era de dar dó! A moça volta para o hotel, mas aquela cena não saía da sua cabeça.

Chega o dia 21/05, os alunos levam seus textos. Beatriz senta diante à mesa que colocaram em um dos stands da feira e começa a ler e ouvir os contos dos estudantes. Estava gostando da experiência. Mas a cena da biblioteca sempre vinha a sua cabeça.

Então teve uma ideia. Fez um mutirão com os alunos e juntos escreveram cartas para o poder público. Nessas cartas os alunos pediam reformas para todas as bibliotecas da cidade de Ribeirão Preto.

Eles ainda aguardam resposta dos governantes. Beatriz cumpriu seu papel de cidadã. Voltou para Curitiba e lá criou um movimento como alerta aos danos contra os patrimônios públicos fazendo denúncias e abrindo também espaços para serem denunciados em redes sociais de qualquer cidade do Brasil.

Lara Braguiroli Santos
Stefany da Silva Freitas

Conto – 3 do 9º C

A aventura de Beatriz

Beatriz acorda com os raios de luz que invadem o seu quarto e chegam em seu rosto, ela se espreguiça e estica seu braço para pegar o seu celular e verificar que horas são, e se depara que já são sete e trinta e quatro. Levanta rapidamente, pois tem que dar uma aula de reforço às nove horas da manhã em uma casa do outro lado da cidade, ela corre para o banheiro, se olha no espelho e vê o seu cabelo castanho todo embaraçado. Após se arrumar, já eram oito e seis, Beatriz escuta o seu telefone tocando e quem está ligando é o pai de seu aluno de reforço. Beatriz atende explicando que vai se atrasar um pouco e o pai respondeu:

- Se atrasar? A aula é só amanhã e é sobre isso que eu queria falar, vou viajar e quero cancelar a aula.

Beatriz diz que não haverá problema, e que ele pode remarcar a aula, depois que voltar de sua viagem, o pai concorda e pede desculpas por cancelar.

Após receber a ligação e perceber que era domingo, Beatriz pega seu notebook e vai até uma cafeteria tomar seu café da manhã como de costume. Ela chega na cafeteria senta em uma mesa de frente para a janela, pede o de sempre, um cappuccino de chocolate com um pouco de essência de menta e para acompanhar cookies. Enquanto aguarda a chegada de seu pedido, liga o notebook e verifica seus e-mails, em um deles há um e-mail de Viviane Mendonça, representante da Fundação da Feira do livro a convidando para ser a tradutora da renomada escritora J.K Rowling. Beatriz ao ler o e-mail não acreditou, ficou pasma, leu várias vezes até seu pedido chegar.

Era tudo que ela precisava para mostrar seus talentos. Enquanto apreciava o seu cappuccino, verificava passagens de avião de Curitiba até Ribeirão Preto. Comprou as tão sonhadas passagens. A aeronave sairia às seis horas da manhã de terça-feira.

Os dias se passaram e chegou a aguardada terça-feira. Beatriz levanta às quatro da manhã, suas malas já estavam prontas, era uma de mão que ficaria com ela durante o voo e outra que iria para o bagageiro.

Às 5 horas ela já estava no aeroporto internacional de Curitiba, estava nervosa, pois tinha medo de aeronaves. Fez o check-in, despachou sua mala e foi para a sala de embarque. Toda vez ao escutar um número de voo, Beatriz conferia número por número de seu papel de embarque. Finalmente o número do seu voo foi pronunciado, seu coração disparado e suas mãos frias e suadas não paravam de tremer, ela sentia aquele frio na barriga que a deixava falar direito. Ela ficou na fila para a correção dos bilhetes e logo chegou a sua vez, a aeromoça muito gentil desejou uma ótima viagem. Beatriz tão aflita mal respondeu, seguiu as pessoas até uma aeronave não muito grande.

Ao entrar, procurou seu assento ajeitando sua bagagem de mão em seu colo. Antes da aeromoça falar algo Beatriz já estava com seus cintos apertados e prestes a tomar seu calmante. A aeromoça como sempre fez as orientações sobre turbulências e pousos forçados, isso foi a gota d'água para Beatriz ficar mais nervosa. Logo caiu no sono por causa do calmante. Ela só foi acordar, pois a aeromoça havia lhe cutucado e informando que já tinha chegado no destino. Beatriz meio sonolenta tirou o cinto, pegou sua mala de mão e percebeu que todos já tinham saído e ela se dirigiu para a saída. Na entrada para o saguão do aeroporto sentiu que o clima era muito mais quente, retirou seu casaco, e foi em direção as bagagens, que por sinal estava só a sua. Beatriz ligou seu celular e viu que tinha uma mensagem de Viviane lhe informando que haveria um motorista e um guia na saída do aeroporto Leite Lopes a esperando, também mandou uma foto para identificá-lo. Ao sair ela logo avistou o guia. Ele era alto, moreno, com um olhar intrigante e foi logo abrindo a porta do carro que a esperava sem dizer uma palavra. Ao entrar no carro Beatriz percebeu que eram oito e cinquenta, e a feira do livro era apenas no outro dia. O motorista lhe deixou em seu hotel, cujo nome era Monte Blanc. Chegou no hotel, retirou suas chaves na recepção e foi para seu quarto, deixou suas malas em cima da cama e tomou um banho.

Ao sair do banho, ela desceu e seu guia chamado Daniel a esperava na recepção, eles conversaram e decidiram fazer um passeio por alguns pontos da cidade e depois irem almoçar.

Ambos saíram do hotel às nove e meia. Daniel sugeriu levar Beatriz até o parque Prefeito Luiz Roberto Jábali para fazerem um piquenique e tomarem um café da manhã. Eles passaram em um supermercado e compraram coisas para poderem fazer o lanche livre. Logo chegaram ao parque, eles caminharam um pouco e após uma volta, sentaram no enorme gramado próximo aos lagos e estenderam a toalha xadrez na grama e montaram tudo. Beatriz fez um comentário sobre o quão bonito era os lagos e as cachoeiras artificiais. Depois de um longo piquenique o dia estava esquentando cada vez mais, chegando bem próximo dos 35°C, como já era meio dia e quarenta Daniel perguntou se Beatriz gostaria de ir até a Choperia Pinguim para almoçar e já conhecer esse patrimônio histórico, ela concordou.

Chegando na choperia ela pediu dois chopos escuros, e uma porção de costelinha defumada com mandioca.

Ao ficarem um longo período conversando ela falou:

- Que tal irmos assistir a uma peça de teatro?

Ele concordou e perguntou em qual teatro iriam e ele sugeriu que fossem no municipal que se situa no morro do São Bento, e ela adorou a ideia. Eles passaram no hotel, ela tomou um banho, enquanto isso ele combinou que voltaria às sete para irem para o teatro.

Ao chegar no teatro perceberam uma situação extremamente precária e vergonhosa para Ribeirão Preto como: a fonte frontal que embeleza o prédio estava seca, a pintura externa era possível perceber que não tinha uma manutenção há um certo tempo, eles compraram os bilhetes e entraram, eram quase oito e a peça estava prestes a iniciar. Já na sala, ao se sentar no assento, Beatriz sentiu um desconforto, pois reparou que a cadeira estava desgastada, rangia e pendia para um lado. Eles assistiram à peça e só não foi maravilhosa, porque o som estava horrível, apesar de possuir uma ótima atuação da equipe de atores. A peça acabou às nove e meia e ao saírem do teatro estava um chuvisqueiro leve que foi aumentando aos poucos junto com o vento. Entraram no carro e Daniel disse que não era só o teatro que estava em más condições, afirmou que o Museu do Café não estava funcionando por mal investimento da prefeitura e comentou estar indignado; pois não fazia ideia da situação do teatro. No caminho de volta ao hotel ela ficou quieta, refletindo o descaso do município com seus cidadãos.

No hotel ela se despediu de Daniel e foi para seu quarto, tomou banho e decidiu contar seu dia em seus status do *instagram* como de costume.

Depois de ter falado que seria a dubladora da renomada escritora J.K Rowling, o número de pessoas que a seguiram aumentou consideravelmente e suas visualizações dispararam, foi então que ela decidiu fazer um apelo falando sobre a péssima manutenção dos pontos turísticos da cidade de Ribeirão Preto.

Ela escreveu tanto que acabou pegando no sono, pois já era muito tarde e estava extremamente cansada. Bem cedo, ela acordou com o despertador do celular, com o volume alto. Não teve opção a não ser levantar rápido. Já eram oito horas, e como sempre estava atrasada para o tão aguardado momento da feira do livro. Se arrumou rapidamente e desceu para a recepção do hotel. Daniel ainda não havia chegado, e foi quando ela percebeu que mais uma vez estava adiantada.

Beatriz foi para o salão de refeições do hotel, tomou seu café da manhã enquanto aguardava a chegada de Daniel. Quando retornou à recepção Daniel já a esperava.

Na feira do livro ela avistou várias barracas cheias de universos a venda e viu uma mulher muito bem arrumada falando ao telefone, era Viviane Mendonça. Assim que Viviane a viu, desligou o telefone e foi cumprimentar Beatriz agradecendo a presença. Conversaram muito rapidamente.

Beatriz continuou a olhar deslumbrada a quantidade de livros de várias categorias presentes nos stands. Vendedores atenciosos à recebiam, pois já sabiam quem era ela.

Beatriz apaixonada por literatura, comprava vários livros. Cansada de andar parou e sentou-se em um banco qualquer da praça para descansar suas pernas, mas sua mente pelo contrário pedia conhecimento. Nem sequer esperar chegar em casa abriu sua sacola com universos desconhecidos, história nunca contadas antes, personagens cabulosos e desconhecidos, escolheu um livro e ali ficou lendo debaixo de uma árvore que deixava o ambiente mais fresco e confortável, ali Beatriz ficou, passou passarinho, pousou e voou e ela continuava ali imóvel ela sorriu, chorou, ficou com medo, sentiu alívio. Até que acabou seu livro deslumbrante.

Olhou no seu relógio e percebeu que já eram 12:00h, pegou sua sacola e foi andar pela praça para procurar algo para comer. Avistou um trailer que vendia salgado. Como estava com fome achou melhor comer ali mesmo, pediu seu salgado e um suco sentou-se em uma mesa, comeu-o e olhou novamente no relógio e percebeu que se não corresse, não chegaria a tempo para a palestra da Alice Ruiz, uma poetisa e compositora brasileira muito renomada, que por sinal Beatriz adorava. Pegou o salgado e o suco e saiu correndo em direção aos stands de livros.

A palestra seria no palco que foi montado em frente ao teatro Dom Pedro. Beatriz sentou-se na plateia, e a palestra começara. Quando a palestra chegou ao meio, Beatriz começou a se sentir enjoada, a passar mal, provavelmente algo que tinha comido ou bebido. Ela correu até ao banheiro do teatro e vomitou. As pessoas que usavam o banheiro perguntavam se estava tudo bem e se podiam ajudá-la. Ao ver que não iria melhorar, Beatriz, achou melhor procurar por Daniel.

O motorista esperava do outro lado da praça, ela com uma aparência nada boa. Chegou até o carro e pediu para que ele a levasse ao hospital. Ele a obedeceu, chegando no posto central, como não era nada urgente, ela teve que esperar. Cansada de aguardar, pegou seu celular indignada e gravou um status, como de costume. Ela falou sobre a saúde pública, e o descaso dos médicos com os pacientes que ficam horas esperando por um atendimento. Ali sentada Beatriz ficou horas e horas, o posto estava lotado.

Finalmente chegou sua vez, o atendimento nunca é dos melhores, mas o médico chegou ao diagnóstico, ela estava com intoxicação alimentar. Provavelmente foi o salgado que ela comeu na praça, como ela vomitou muito, teve que ficar no hospital tomando soro na veia durante a noite toda.

Pela manhã ela teve alta, o motorista estava a esperando na porta, para levá-la para o hotel, pois hoje Beatriz não iria na feira do livro, ela precisava descansar e tomar muito líquido. Muito cansada, dormiu a tarde toda para estar bem no outro dia, quando finalmente seria a tradutora da J.K Rowling sua escritora preferida.

No final da tarde, Daniel foi fazer-lhe uma visita no hotel e levar um jantar, quando ele chegou lá Beatriz ficou muito surpresa e contente, eles conversaram bastante e foi possível ver que estavam tendo uma forte ligação, ele percebeu que já estava ficando tarde ele se despediu e foi embora. Beatriz foi até ao banheiro escovou os dentes, colocou seu pijama e foi dormir.

O grande dia chegou. Ela levantou animada e bem cedo, foi ao banheiro escovou os dentes, se trocou. Quando saiu e abriu a porta do quarto que daria no corredor trombou com Daniel, ele estava segurando uma caixa de *donuts* e dois copos de café. Eles riram e entraram no quarto, ela desabafou sobre estar extremamente ansiosa com o fato dela dublar a grande J.K Rowling. Depois que terminaram de comer os *donuts* e tomar o café, ele a ajudou a ensaiar um pouco mais.

Ao chegar na feira do livro, observaram que havia uma grande movimentação tanto no trânsito quanto na praça. Havia muitos fãs enlouquecidos esperando a chegada da escritora. Em frente a um stand que vendia livros estava Viviane à espera de Beatriz aflita. As duas trocaram algumas palavras, o suficiente para perceber que ambas estavam nervosas. Viviane apressada levou Beatriz até ao palco. Faltava pouco para Beatriz entrar e conhecer a escritora que alegrou sua juventude.

A plateia estava lotada o que já era de se esperar, as mãos de Beatriz estavam suando frio, quando alguém se aproximou e falou baixinho:- pode entrar no palco ela chegou. Lá se foi Beatriz com as pernas bambas.

Ao entrar no palco, Beatriz, viu aquele tanto de pessoas a olhando que seu coração disparou, seu sentimento era de sair correndo. Em seguida entrou J.K Rowling. A palestra voou parecia que aquela 1h30min com a autora tinha sido apenas alguns minutos.

Após a palestra, haviam uns minutinhos reservados para os autógrafos e Beatriz é claro, acompanhou como tradutora, a escritora, que por sinal se deram bem.

O desafio foi cumprido com êxito. E Viviane foi falar com Beatriz:

- Você foi perfeita, parabéns!

Beatriz muito contente a agradeceu, Viviane disse que ainda a chamaria para participar em mais eventos culturais de Ribeirão Preto. Beatriz adorou. E elas se despediram.

Daniel foi dar os parabéns para Beatriz, eles se abraçaram e ele disse que tinham que sair para comemorar aquele momento. Entraram no carro e ele pediu para ela fechasse os olhos, pois o lugar que eles iriam era surpresa, ela concordou e tampou os olhos. Ela ficou ansiosa e não parava de rir, tinha uma risada contagiante que fez ele rir também. Chegando no lugar ele foi guiando-a até chegar no exato ponto, até que ele disse:

- Pode abrir os olhos.

Ela abriu os olhos e ficou emocionada, o que ela via, era uma bela mesa montada em uma sacada, com o pôr do sol maravilhoso que embelezava o ambiente e acima várias lâmpadas que enfeitavam e davam um charme, os vasos de belas flores... Beatriz perguntou onde estavam, e Daniel disse que estavam na sacada de sua casa, e que ele estava preparando o jantar de despedida, ele desceu a bela escada em formato de caracol, e subiu com um recipiente com salada de rúculas, tomate seco e queijo, e segurando uma garrafa de Vinho.

Logo o prato principal ficou pronto. Ao subir as escadas para busca-lo, o cheiro invadiu o ambiente, Beatriz ficou maravilhada com o aroma, era uma enorme lasanha. Ao terminarem o jantar, foram juntos lavar a louça, e após terminar de lavar tudo decidiram fazer uma pipoca e assistir a um filme. Tudo estava pronto para o filme, tinham pipoca, chocolate e refrigerante, assim que o filme chegou na metade ambos dormiram e acordaram só na manhã com a claridade que invadia o cômodo e com o celular de Beatriz tocando, quem estava ligando era o pai do aluno com quem ela havia falado no domingo, ele queria remarcar a aula de reforço para amanhã, ela disse que estaria tudo bem e

perguntou se seria no horário de sempre, o pai concordou e deu tchau, Daniel deu bom dia e perguntou quem era no telefone, ela disse que era o pai de um de seus alunos. O voo da professora do retorno para Curitiba era só às duas horas da tarde, e eram nove e quarenta. Ela levantou do sofá e perguntou se Daniel podia deixar ela no hotel para organizar suas coisas, ele concordou. Chegando no hotel eles subiram para o quarto, ela foi arrumando as malas, enquanto isso ele lhe fazia companhia, as últimas horas em Ribeirão passaram voando, logo ela estava no aeroporto aguardando o seu número de embarque ser falado. As uma hora e quarenta e cinco minutos o seu número de embarque foi dito, ela levantou e olhou para Daniel, abraçou ele, seu olho estava com um pouco de lágrimas, eles se despediram e quando ela virou as costas para ir embora foi possível escutar ele gritando e indo em direção dela, ela virou para trás com uma lágrima escorrendo, ele se aproximou e disse:

- Eu te amo!

Beatriz sorriu e beijou o, em seguida disse:

- Eu também te amo!

Eles se abraçaram novamente, e Beatriz seguiu o caminho de embarque, ao entrar na aeronave escutou o padrão de explicações sobre turbulências e pousos forçados, assim que o avião começou a decolar, Beatriz tomou seu calmante e em poucos minutos dormiu. Beatriz desesperada como os outros passageiros da aeronave estavam em choque, o avião estava sofrendo fortes turbulências e tinha grande risco de queda, a aeromoça estava dizendo para todos manterem a calma e não saírem de seus lugares em hipótese alguma. A aeronave começou a cair e Beatriz gritou.

Ao olhar em volta ela percebeu que tudo não passou de um sonho, logo seu marido entrou no quarto correndo para ver se estava tudo bem, ela disse:

- Sim amor, só tive um sonho.

Daniel aliviado, desejou feliz aniversário de 74 anos.

Ela levantou foi até a janela e viu os raios de luz que atingem seu rosto com marcas avançadas da idade.

Juliana Paola Santos
Lucas Meni Navarro

- **ESCOLA ESTADUAL DOM ALBERTO JOSÉ**

O filho Eterno

Um filho esperado,
Um sonho realizado,
Mas o dia chegou!
O nascimento,
A realidade
E com ela, a decepção.
E agora?
Como lidar com a inclusão?
A dor e a tristeza,
Naquele instante,
Se deram as mãos!
Ah! Mas o amor!
O amor...
Conseguiu superar aquela situação!

Kauan Rezende Fedelis e Rodrigo Braz Soares - 9º ano A

Transformação

Você olhava com um olhar bruto
De ódio e rancor
De não ter feito certo.

Falava que não amava

Que ele era insignificante
Que nasceu quebrado!

Mas viu que tinha sentimentos
Pois quando ele se perdeu,
Você chorou!

Pois o amava
Assim como ama escrever!

O tempo passou,
E seu pequeno jogador
Evoluiu.

Com isso você evoluiu também
Aprendeu a vê-lo
Como ele realmente é.

Uma criança linda
Talentosa, amorosa
E que te ama como você é.

Julia Dias Favaro - 9º ano C

A verdadeira deficiência

A deficiência física
Que as pessoas têm
Não se compara

A deficiência de mentalidade de outras pessoas

O preconceito de muitas pessoas

Mostra o quanto elas

É que são insignificantes

Pela “burrice” de pensar de forma errada

A pessoa que tem deficiência

É igual as outras

Tem a mesma capacidade

Mas, muitas vezes não tem a mesma oportunidade

A diferença, o erro

Está nas pessoas preconceituosas

Na verdade, elas é que são deficientes.

Deficientes no amor, na compaixão

Ao final os deficientes

São aqueles que não enxergam sua deficiência

O preconceito.

Wellinton Gabiel Brandão – 9 ° ano C

- **ESCOLA ESTADUAL VEREADOR JOSÉ BOMPANI**

Obra escolhida para trabalho em sala de aula: O filho eterno

A superação do preconceito

A criança especial deve ser considerada como todas as outras crianças, pois há nela possibilidades de desenvolvimento iguais as outras crianças de seu convívio. Assim, tratada com amor e carinho pelas pessoas ela pode estudar e trabalhar como todo ser humano. Mas, infelizmente temos um mundo chamado “preconceito”.

Assim, a criança ou adolescente portador de alguma síndrome não são respeitados e muitas vezes sofrem comparações injustas ou isolamentos por parte de colegas e companheiros que estudam na mesma escola.

Outro fato e questão da família não aceitar a criança por achar que a menina ou menino vai dar trabalho tendo que leva-los a médicos especialistas como psicólogos e fonoaudiólogos dentre outros. E, assim elas são abandonadas a própria sorte ou adotadas por outras pessoas da família como avôs, avós e tios.

Portanto, a pessoa portadora de alguma síndrome deve ser tratada com atenção e carinho através da socialização entre família, escola e amigos que devem procurar ajuda e conhecimento para ajudá-la a superar a si mesma e ao preconceito existente na sociedade atual.

Aluna: Maria Eduarda Lima Miguel, 9º ano A

As crianças especiais devem ser respeitadas por todos

As crianças especiais possuem certas limitações físicas ou intelectuais e muitas vezes elas não são compreendidas pela sociedade na qual vivem e esse fato gera isolamento e preconceito provindos de colegas e familiares.

Entretanto, o fato colocado acima não significa que essas crianças, jovens e adolescentes não possuam qualidades, sonhos e desejos que muitas vezes são escondidos por medo da reação de pessoas próximas aquela criança. Outro fato negativo é a ausência dos pais que na maioria dos casos não planejaram aquela bebê e se sentem arrasados com a notícia de uma criança com necessidades especiais.

Assim, a falta de apoio tanto dos familiares como da sociedade impede o adolescente de desenvolver habilidades e competências necessárias ao seu desenvolvimento humano, gerando preconceitos e julgamentos da sociedade.

Aluna: Ana Clara Lima Miguel, 9º ano A

Título: Carta ao autor

Caro escritor:

Venho por meio desta carta dirigida escrever minha opinião sobre o tema discutido em seu livro "O filho eterno".

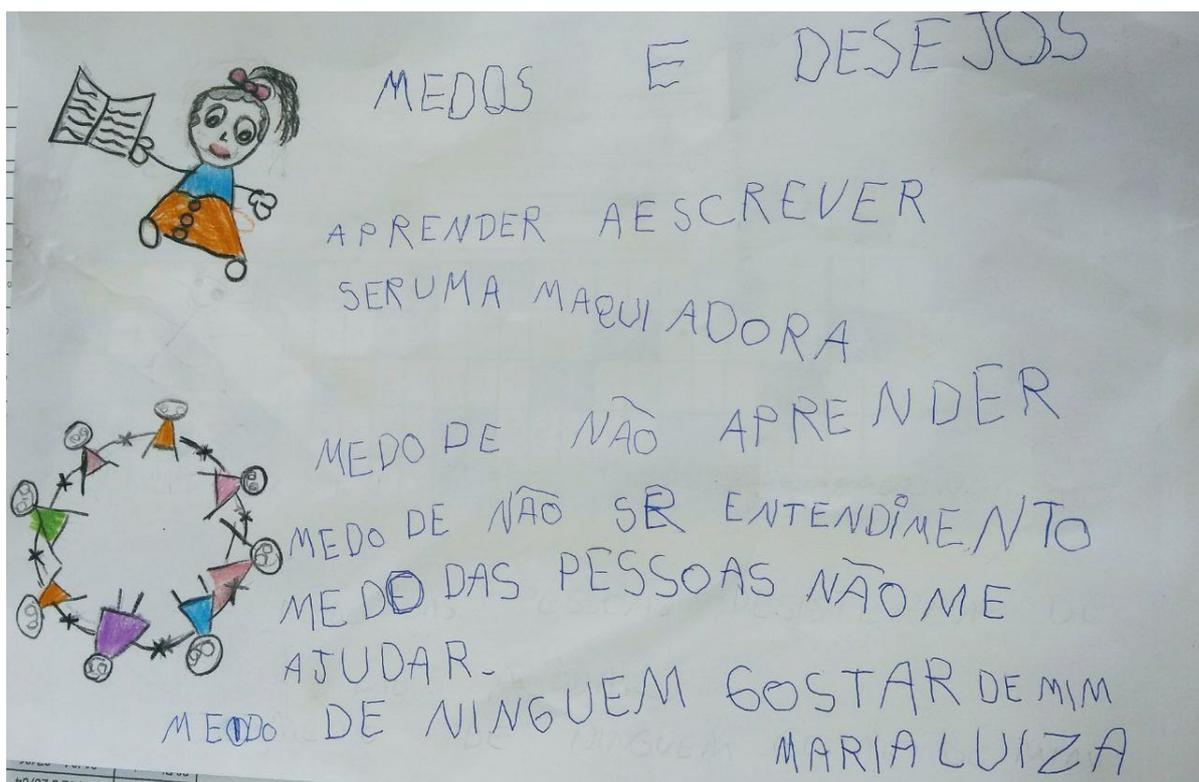
Em minha opinião, o livro é interessante e cheio de sentimentos e emoções entre as personagens atraindo a atenção do leitor sobre a temática discutida no livro. A história me fez pensar sobre alguns alunos na minha escola que são portadores de alguma síndrome. Eles conseguem aprender algo através da ajuda de professores que os tratam bem com atividades divertidas para eles.

Por fim, como aluno gostaria de sugerir que no próximo livro você abordasse mais sobre esse assunto, pois as pessoas poderiam pensar melhor antes de discriminar e isolar essas crianças e jovens que com certeza possuem talentos e habilidades a serem desenvolvidas por alguém na sociedade.

Com os meus agradecimentos,
Lucas

Aluna: Lucas Eduardo Martiniano, 9ºano A

Produção escrita de um aluno especial após debate sobre a obra realizado em sala de aula.



- **ESCOLA ESTADUAL OTONIEL MOTA**

Como ser amarelo

Seus traços faciais me faziam lembrar de um desenho que eu mesmo fiz na infância. No começo, perdia horas a fio procurando características minhas no seu rosto, mas, ele não tinha o mesmo olhar fatigado, o andar carrancudo ou as manias teimosas as quais minha mãe repreendia meu pai e minha esposa me repreende. Não. Os olhos dele são amendoados e têm os próprios contornos. As mãos têm suas próprias linhas.

Durante oito anos e seis meses, só o que eu sabia sobre ele era que a sua cor favorita era amarelo. Igual ao sol, as abelhas e a felicidade.

Naquela noite de quinta-feira foi diferente. Sua mãe estava cansada demais para lhe dar um beijo de boa noite, então a deixei adormecida no sofá, e, hesitante, entrei pelo caminho inóspito que era para mim o corretor até seu quarto.

Foi quando conheci o ser que carregava o mesmo código genético que eu. E olhando-o de perto, notei que compartilhávamos aquela pinta no ombro, e que o timbre da sua voz lembrava o meu.

Então se tornou claro: não era ele quem estava sendo empurrado pela multidão. Era eu.

Giovanna Lopes, 3°C

Cristóvão Tezza me impressionou no livro pela honestidade de contar algo tão pessoal e expor ao público momentos de sua vida que definiram sua relação ‘complicada’ com o filho. Ele conta detalhadamente o seu primeiro encontro com o filho, ele estava ansioso com a chegada do primeiro filho e dos desafios que encontraria com a paternidade. É praticamente um desabafo em primeira pessoa sobre os desafios de ser pai de uma criança com síndrome de Down.

Mesmo que muitos não alimentem o desejo de ter um filho inteligente, bem-sucedido em qualquer aspecto da vida e admirado em seu meio, a maioria espera ter um filho “normal”. Uma boa parte da história passa com o pai acreditando que o filho não tem problema algum, nega tudo, se ilude.

O contexto do livro me apresentou o conflito interno de um homem que se sente culpado por não saber como lidar com seu filho com Síndrome de Down. Ele não quer levar ninguém às lágrimas, nem vender mais livros ao incluir declarações polêmicas. A impressão que tive é de que ‘O Filho Eterno’ é a culpa de um pai que ama muito seu

filho, mesmo que ao longo de todo o livro não tenha precisado escrever isso uma única vez.

O pensamento que lhe veio quando soube da condição de seu filho pareceria cruel se não fosse tão verdadeiro e humano. As falhas do 'pai-escritor' são relatadas lado a lado com sua luta diária, vivendo sempre o presente, nem passado, nem futuro, enxergando dez metros à frente. O livro acompanha os vinte anos de seu filho sem que você perceba como o tempo vai passando.

Enfim o 'Filho Eterno' faz um emocionante trabalho de aceitação da paternidade, Tezza expõe as dificuldades, e as pequenas e grandes vitórias de criar um filho com síndrome de Down. O livro é uma espécie de acerto de contas entre ele e o filho ao longo das 224 páginas do livro. O desejo do pai de se aproximar do filho, de ensinar-lhe alguma coisa acaba vindo com o tempo. Como ele é professor e escritor, tenta se aproximar de seu filho pelas letras, literatura, porém é de futebol que o garoto gosta e é daí que surge a aproximação de pai e filho, através do futebol.

Thiago Barreto dos Santos, 3ºC

Em uma noite, uma mulher avisou:

- É hoje

O seu marido animado, levou a sua esposa

Em um hospital

Lá a criança nasceu

E um dos médicos percebeu

Que o recém-nascido tinha síndrome de down

Que o fez tão especial

O casal passou a sua vida com dificuldades

Era difícil entender a realidade

Mas isso se resolveu pelo esporte

Foi o futebol que deu sorte

Para o pai entender o problema

E a vida ficou mais fácil

Com seu menino ao lado

Pai e filho relação de amor eterno

Isabela Cristina de Andrade 3°C

Materno paterno filho e eterno

Qual a diferença entre o materno e o paterno,

Que cuidam do filho do verão ao inverno

Que amam e não reclamam,

De cuidar e amar.

Na minha crença não sei,

Se há ou não diferença.

Só sei que do materno ao paterno

Existe um filho eterno.

Paulo Augusto de Lima Ramos, 3°C

- **ESCOLA ESTADUAL PARQUE DOS SERVIDORES**

ETERNO AMOR MEU!

Um filho muda a vida da gente,
Principalmente quando nasce e vemos
Que ele é diferente.

A literatura e a poesia,
Mexem com a imaginação,
Mas o mundo real
Sempre nos traz uma lição.

Quem nunca passou noites
Acordado por um chorinho;
Melhor viver sem dormir
Do que ser na vida sozinho.

Pela primeira vez,
Ouço a engrenagem do tempo
E uma nova vida
Me faz repensar o momento.

Um filho é aquilo
Que os pais nunca poderão escapar.
Diante dessa certeza implacável,
Agora só me resta amar!

Ser pai é sorrir, chorar,

Sofrer, gargalhar.

Algo tão forte e profundo,

Que alguns podem experimentar.

Os filhos são nossa continuação,

O volume dois da nossa história.

E nós, os pais,

Os guiamos na trajetória.

Um filho é sempre especial.

Não importa o jeito que nasça,

Esse amor é incondicional.

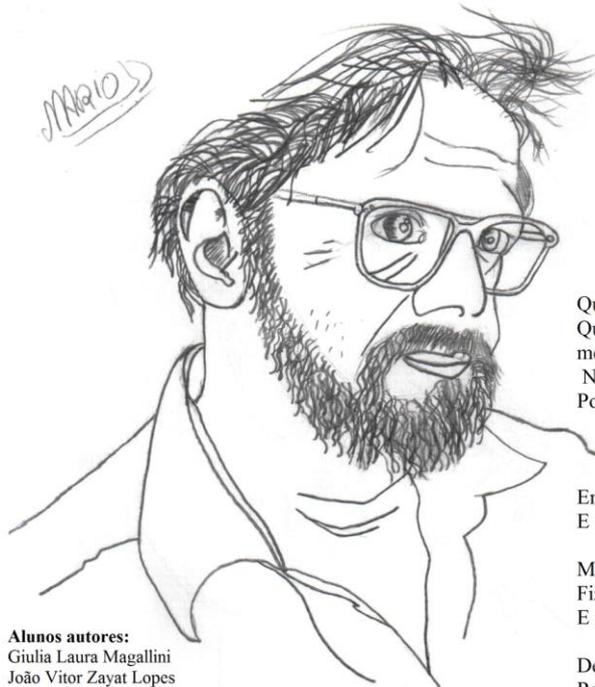
Ser pai é o maior ato de coragem de alguém.

É se expor a todo tipo de dor,

Até que compreendamos

O verdadeiro significado da palavra AMOR!

- **ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR RAFAEL LEME FRANCO**



Alunos autores:
Giulia Laura Magallini
João Vitor Zayat Lopes
Maria Fernanda Faria Kurukava
Tabata Ferreira de Souza
Professora Orientadora:
Dulceneia Aparecida de Melo
Ilustração:
Mário Kurukava Neto

Meu filho

Quando soube de você fiquei eufórico
Quando me deram a notícia fiquei
melancólico
Não te queria e não te amava
Por mais que tentasse não adiantava

Da síndrome nunca me salvaria
Você seria diferente da maioria
Em um pensamento drástico cheguei
E sua morte desejei

Mas você sobreviveu
Fiz de tudo para você se encaixar
E nenhum resultado isso deu

De amor paterno lhe privei
Percebi os muitos erros que cometi
Perdoe-me, saiba que aqui sempre estarei

Limitação não condiz com incapacidade

Trissomia do cromossomo 21, também conhecida como Síndrome de Down, é uma doença genética que afeta mais de 150 mil pessoas por ano só no Brasil. Provoca vários atrasos no desenvolvimento, deficiência intelectual e dificuldade em pensar e compreender.

São vários os desafios enfrentados por pessoas que apresentam essa limitação, possuímos um sistema falido e uma educação que não oferece assistência a essas pessoas. No mercado de trabalho, as oportunidades são escassas e o desafio torna-se ainda maior quando o indivíduo tenta inserir-se numa sociedade despreparada e preconceituosa, que não sabe lidar com diferenças.

Entretanto, o que quase ninguém sabe é que quem nasceu com essa síndrome consegue aprender e realizar as demais atividades como qualquer outra criança, sendo que cada indivíduo se desenvolve em seu próprio tempo, dependendo da severidade da doença.

Todavia, receber o diagnóstico que um filho ou um parente próximo possui essa condição, nunca foi e nunca será fácil para ninguém. Dessa forma, é indispensável num primeiro momento o uso do máximo de recursos possíveis para garantir que essa criança tenha uma vida próspera, feliz e saudável.

A persistência deve vir juntamente com a orientação correta que os pais devem receber para tornar todo o processo de desenvolvimento cada vez mais viável. A inclusão social deve ser utilizada como um apoio para demais entidades possibilitarem cada vez mais a aproximação entre sociedade e deficiente. Temos, por exemplo, a APAE A Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), que é uma associação em que, além de pais e amigos dos excepcionais, toda a comunidade se une para prevenir e tratar a deficiência e promover o bem-estar e desenvolvimento da pessoa com deficiência.

Acerca disso, todas as barreiras da ignorância e do preconceito podem ser combatidas com solidariedade e educação, além da criação de novos programas e políticas públicas que priorizem o combate ao preconceito.

Nesse sentido, temos a obrigação de preparar as crianças de hoje para que se tornem adultos responsáveis e que assegurem um mundo melhor para todos, principalmente, para os que mais precisam de nosso apoio e reconhecimento.

Já dizia Sir Arthur Lewis, "Educação nunca foi despesa. Sempre foi investimento com retorno garantido".

Emily Antunes Gonzaga de Oliveira

A ESTRELA QUE BRILHA MAIS FORTE

Certa vez, algo ocorreu que me causou comoção, eu estava com quinze anos, sentada no sofá, em uma tarde de domingo, Léo, meu irmão, um garotinho de treze anos, portador de deficiência mental aproximou-se de mim com alguns livros infantis que eram cheios de desenhos e todos coloridos e disse:

- Ana, lê pra mim, eu não sei ler!

Fiquei alguns minutos para conseguir absorver aquela frase e ler o livro para ele de uma forma que pudesse entender, explicando também as imagens.

Depois, um sentimento angustiante me pegou. Por que será que eu reclamava tanto de passar meus finais de semana atolada de trabalhos escolares para fazer? Como eu poderia reclamar dos vestibulares e provas que precisava prestar? ...

Léo, mesmo frequentando a escola diariamente não conseguiria aprender a escrever o próprio nome e mesmo assim possuía o interesse de saber do que se tratava aquele livro. Tudo o que falta em nossas vidas é agradecer e aproveitar as habilidades que a nós foi concedido, pois neste mundo em que vivemos quem tem não reconhece e quem não tem, como Léo, daria muito para ter.

Ana Clara Rodrigues Borro

- **ESCOLA ESTADUAL DR. GUIMARÃES JUNIOR**

Obra trabalhada: O filho Eterno

O filho eterno

O filho eterno conta a história de um escritor com alguma de suas obras publicadas, que está prestes a ter um filho, mas que logo ao nascimento da criança, ele descreve que a criança tem síndrome de Down.

Foi muito difícil para este pai entender do que se tratava afinal a doença não era tão estudada assim e para quem estava de fora parecia ser algo totalmente estranho.

Ele não aceitava que seu filho nasceu assim sempre que podia fugir, fugia, só para não enfrentar uma coisa que ele considerava um problema. Após muitas buscas para uma possível ‘cura’, ele descobriu que não tinha nada que podia ser feito, mas mesma forma, ele sempre tentava fazer com que o filho falasse ao menos uma palavra certa.

Depois da fuga de Felipe em uma das tentativas do pai de corrigir a criança, ele finalmente percebeu que estava errado por agir daquela forma, logo despertou um grande amor paterno se arrependendo de todas as suas atitudes.

Beatriz Candida Brito, 1ºA

O filho eterno

Se você tivesse um filho com Síndrome de Down, ou qualquer outro ponto que o classifique “anormal” ou “diferente”, você o desmerecia? Trataria- o com desprezo? Se você é um ser humano descente, provavelmente, você o amaria com tanta intensidade, que os amigos de seu filho, teriam inveja.

O foco no qual quero chegar é:um livro. Todos sabemos que quanto mais lermos, mais conhecimentos teremos, nosso vocabulário será grande, terá muita inteligência e o mais

importante: Terá a imaginação de uma criança em saber que já visitou Paris, e em algumas páginas depois, já estaria em Londres novamente, ler é mágico.

O personagem principal, de um livro fictício é o escritor e acaba por ter seu primeiro filho, na década de 1980, e como qualquer pai de primeira viagem, ele estava empolgadíssimo, mas, ao nascimento de Felipe aquela magia, acabou! Ele e sua esposa, descobrem que seu filho nasceu com Síndrome de Down, e o pai não aceitou o fato, tratando o menino com todo o desprezo e ódio que existia dentro de si. Os anos passam, até porque o tempo não para, Felipe cresceu, recebendo o amor de sua mãe. Ano de 1994, o garotinho por si só ama o futebol, uma coisa em comum com seu pai, Em um dia comum, como os outros com seu pai, Felipe se revolta e resolve fugir, após ouvir as mesmas reclamações. O pai ao se dar conta da perda de Felipe, fica o dia inteiro fora à procura do seu Filho Eterno, ao chegar em sua casa à noite, avista em frente sua residência vários policiais. Corre vê se menino, sentado no sofá, e sem pensar duas vezes corre para abraça-lo. E foi naquele dia, que o pai percebeu que amava seu filho, mesmo negando isso, todos os dias, durante anos...

Esse livro conta uma história de amor, respeito aceitação e intrigas, te deixa emocionado do início ao fim, te prende como você não imaginava que seria possível. Com personagens interessantes e história comovente “O Filho Eterno” é um excelente livro.

Stephanie Cristina Pereira, 1ºA

Mais que um filho eterno

O livro fala sobre um escritor que possui um filho com síndrome de Down que é Felipe. Quando este pai viu seu filho nascendo, ele percebe que tem algo errado com ele, talvez porque Felipe seja menor do que os bebês normais. Mas de acordo com o tempo, ele começa a pesquisar sobre algumas doenças que as crianças poderiam nascer e ele viu a síndrome de Down, começou se aprofundar mais no assunto sobre essa doença, leu que o desenvolvimento das crianças é bem devagar e achou isso um absurdo. Até que um dia o escritor vai junto com sua mulher e seu filho ao hospital e os médicos confirmaram que seu filho tem a síndrome, isso o deixou triste e mais ainda revoltado. Um escritor como

ele praticamente perfeito, teve a capacidade de ter um filho doente. Ele desejou a seu próprio filho a morte, já que ele não tinha capacidade para nada.

Este pai estava um dia lendo um livro sobre a doença e descobriu que eles vivem por apenas dois anos o que o deixou aliviado e um pouco mais feliz. Porém, queria que seu filho fosse um bebê normal, então ele conhece uma clínica que sabe tratar esse tipo de pessoa. Mas quando leva Felipe, a médica diz que eles não são um problema, mas para ele, Felipe sempre seria.

Porém, pelo modo da criança ser especial, a sua mãe havia de ter mais cuidado com ele e deixando de dar atenção para seu marido, o que leva o mesmo a sair de casa para beber e trair sua esposa. Nesse meio tempo, o pai começa a lembrar da época em que era marinheiro e sua vida era realmente feliz, assim ele percebe que o que leva alguém ter a síndrome, é a má nutrição durante a gravidez, colocando a culpa em sua mulher pela situação.

Anos se passam e o escritor ainda estava do mesmo jeito, distante de seu filho e de sua mulher, fazia de tudo para que Felipe falasse perfeitamente uma frase sem errar. Em uma de suas tentativas para que ele não ficasse muito perto da televisão pois iria prejudicar suas vistas, Felipe acaba se chateando e foge de casa. O desespero do pai é nítido, achava que nunca mais veria seu único filho, em meio a tanto arrependimentos, um sentimento desconhecido surge, era o amor de pai, aquilo que nunca havia sentido antes, foi preciso acontecer algo terrível para o escritor perceber que estava agindo errado.

Felizmente Felipe retorna a sua casa, e o pai fica totalmente aliviado, se desculpando totalmente por cada erro que cometeu durante todo esse tempo, ele percebe que seu Felipe não era um problema, e sim o seu filho eterno.

Nicolle de Souza Padilha, 1ºA